

TRADUÇÃO

IDEIA DO HOMEM COMO BASE DA CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO E DO TRABALHO EDUCATIVO¹

Edith Stein

Tradução de Enio Paulo Giachini²

1 TEORIA E PRÁXIS – METAFÍSICA, CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO E TRABALHO EDUCATIVO

Por trás de todo fazer humano há um Logos que o dirige. Quão difícil é reproduzir em uma palavra da língua vernácula o que implica o nome *logos*, isso nos mostrou o empenho de Fausto numa tradução acertada. Designa de um lado uma ordem objetiva do ente, onde está inserido também o fazer humano. Depois significa uma concepção dessa ordem vivente no homem, que lhe possibilita proceder em sua práxis de acordo (de acordo com o “sentido”), com essa ordem (*Ordnung*). O sapateiro tem de estar familiarizado com a natureza do couro e com os meios que lidam com ele, e deve saber que tipo de sapatos de uso são demandados, para poder trabalhar objetivamente. Mas essa concepção vital, que está à base do trabalho, não precisa necessariamente avançar e alcançar uma figura intelectual clara, isto é, uma “ideia” da coisa em questão, e muito menos uma concepção conceitual. Tudo que apontamos com as palavras “logia”, “gica” são tentativas de enquadrar o logos de uma região de objetos num sistema conceitual edificado num conhecimento claro, numa teoria. – Todo trabalho educacional que se empenha em formar seres humanos é guiado por uma certa concepção de ser humano, de sua postura no mundo, suas tarefas na vida, assim como da possibilidade de elaboração (*Behandlung*) e formação práticos do ser humano. A teoria da formação humana, que

¹ Texto extraído do livro *Der Aufbau der Menschlichen Person – Vorlesungen zur philosophischen Anthropologie*. Disponível em: <<http://www.edith-stein-archiv.de/beispieleseite>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

² FAE Centro universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

chamamos de “pedagogia”, organicamente pertence ao contexto de uma imagem de conjunto do mundo, isto é, numa metafísica, e a ideia do homem é a parte da imagem de conjunto na qual ela está mais diretamente ligada. É bem possível alguém prestar um serviço educativo, sem ter qualquer metafísica como sistema bem pensado e sem uma ideia desenvolvida de ser humano. Mas terá de ter como base alguma concepção de mundo e de ser humano. E a partir de seu fazer, é possível penetrar na ideia que corresponde objetivamente a essa concepção. Igualmente é possível aninhar teorias pedagógicas em contextos metafísicos, sobre as quais os defensores dessas teorias, e até seus autores não tenham a menor clareza. Também pode acontecer que alguém “tenha” uma metafísica e igualmente edifique uma teoria pedagógica que corresponda a uma metafísica totalmente diversa. E na práxis educativa, alguém pode agir de modo totalmente diverso do que aquilo que corresponde a sua teoria pedagógica e sua metafísica. Essa falta de lógica e coerência tem também um lado bom: é certa proteção contra os efeitos radicais de teorias equivocadas. Mas ideias e teorias que se tem jamais serão totalmente inefetivas. Quem as defende irá se esforçar em agir segundo suas ideias ou também ser influenciado por elas sem querer, mesmo que concepções contraditórias, enraizadas e inconscientes codeterminem sua práxis. Para mostrar a abrangência do significado da ideia de ser humano para a pedagogia e o trabalho educacional, poderíamos partir de tipos principais de teorias e métodos pedagógicos do passado e do presente, desvelando seus nexos em que pertencem. Mas isso demandaria mais tempo do que dispomos. Só será possível dar alguns apontamentos provocativos, o que vou fazer de modo inverso: partindo de alguns tipos de concepção humana, importantes para nossa época, analisando suas consequências pedagógicas.

1.1 IMAGENS HUMANAS DA ATUALIDADE PEDAGOGICAMENTE INFLUENTES

1.1.1 A Imagem Humana do Idealismo Alemão (Ideal de Humanidade) e sua Importância Pedagógica

Considero a irrupção do idealismo alemão, um acontecimento essencial e característico na vida intelectual alemã da atualidade. Ele foi rechaçado na metade do século XX pelas correntes materialistas e positivistas, mas experimentou um renascimento nas últimas décadas do século passado, e novamente se mostrou

vitorioso; mais ou menos pela virada do século começaram a impor-se as correntes que aos poucos rechaçaram-no até seu grande fiasco na guerra. Na pedagogia ele continua atuante. Aqui não temos a tarefa de delineá-lo em seu caráter geral filosófico. Só serão destacados alguns traços de sua imagem de ser humano, imagem que todos conhecemos a partir de nossos poetas clássicos. O ser humano, como o veem concordes Lessing, Herder, Schiller e Goethe (apesar de suas diferenças), é livre, ele é chamado à plenitude (que eles chamam de “humanidade”), ele é um membro da corrente do todo o gênero humano, que se aproxima avançando do ideal de perfeição (*Vollkommenheit*); em virtude de sua peculiaridade, cada indivíduo e cada povo tem que desempenhar uma tarefa especial no curso do desenvolvimento humano. (Essa ideia, que já ultrapassa o classicismo, é a contribuição específica de Herder para o ideal de humanidade.) Essa concepção do ser humano contém fortes impulsos para um otimismo e ativismo pedagógico feliz como já se de fato mostra nos vitais movimentos pedagógicos reformatórios na virada do século XVIII e também a partir da virada do século XIX. O ideal de humanidade significa para o indivíduo uma meta elevada na direção do qual ele deve formar o educando. A liberdade torna possível e necessário convocar o educando ao trabalho para a meta. É preciso despertar e desenvolver sua própria atuação e forças individuais para que tome seu lugar em seu povo e em sua humanidade, e possa dar sua contribuição para a grande criação do espírito humano, para a cultura. É algo evidente que o trabalho educativo significa uma luta com a “natureza inferior”. Mas a confiança na bondade da natureza humana e a força da razão (a herança de Rousseau e do racionalismo) é tão forte que não se duvida de sua vitória. É próprio do intelectualismo dessa filosofia só levar em consideração aquilo que se pode apreender para o intelecto. Também do que resta de irracional, que deve ter valia (sentimentos, impulsos etc.) só se considera o que incide na lua da consciência. (Só assim se poderá explicar o surgimento daquela psicologia superficial que tem por objeto uma mera corrente de dados conscientes.)

1.1.2 A Imagem da Psicologia Profunda e seu Efeito Pedagógico

O romantismo descobriu os poderes (*Gewalten*) do profundo, os abismos da existência humana, mas ele não conseguiu se impor frente às correntes mais fortes da época. Hoje, quando nos deparamos novamente com suas ideias a partir de outros aspectos, voltamos a refletir sobre esses precursores. Se o claro espelho da consciência ou da vida exterior bem ordenada (seja a privada ou pública) é turvado por oscilações

notáveis, que não podem ser concebidas a partir das ondas prévias da vida superficial, percebe-se então que estamos às voltas com uma mera superfície, que ali está oculta uma profundidade e que nessa profundidade estão atuando poderes obscuros. Muitos de nós nos deparamos de forma premente primeiramente com elas nos grandes romances russos. Tolstoi e Dostoievski foram os conhecedores e propagadores da alma que desvelaram diante de nós os abismos da existência humana. Outros se depararam com isso através dos fatos da vida: as quebras enigmáticas da vida psíquica “normal”, diante dos quais se depara o psiquiatra e muitas vezes também o pastor, dirigiram nosso olhar para as profundezas ocultas. A psicanálise foi o primeiro grande irrupção desse aspecto. Círculos cada vez mais amplos de intelectuais, mas quase só eles compreenderam a literatura russa e a psicanálise. Os poderes do profundo se tornaram patentes para todo o mundo na guerra e no caos pós-guerra. Razão, humanidade e cultura foram revelando cada vez mais uma impotência impressionante. Assim, cada vez mais foi se impondo cada vez mais uma outra imagem humana no lugar da humanista, ou melhor, outras imagens humanas, pois não se pode falar ali de unicidade. Em tudo que teve sua visão voltada para o profundo da alma o que há de unitário é que viram essa profundidade, que permanece oculta ao homem ingênuo, como o essencial e efetivo, mas a vida superficial – os pensamentos, sentimentos, moções da vontade claros etc. – viam como efeitos daquilo que acontece no profundo, que revela as profundezas aos que analisam e pensam a alma. Mas o discernimento do espírito se dá na concepção do que é profundidade. Para o fundador da psicanálise e também para grandes grupos que – originalmente impulsionados por ele – em pontos importantes se contrapõem hoje a ele, os poderes do profundo, os que determinam a vida como poderes insuperáveis são os instintos humanos (*Triebe*). As diversas tendências dividem-se de acordo com sua concepção de qual o impulso dominante. Isso tudo, para além do fato de se ainda reconhecem uma unidade da alma à qual se subordinam os instintos (como expressa a psicologia do indivíduo já em seu nome), ou se a vida psíquica, tanto a superficial quanto a profunda, torna-se um caos que já não pode ser reconduzida a um denominador comum da unidade pessoal. Em comparação com concepção idealista, nessa nova imagem humana fica claro o destronamento do intelecto e da livre vontade regente, a supressão da postura frente a um fim objetivo, acessível pelo conhecimento e alcançável pela vontade. Desfaz-se também a unidade espiritual da humanidade e o sentido objetivo de sua produção cultural. Nessa concepção de humano, será plausível ainda algum esforço pedagógico? No fundo, como meta, resta apenas ainda o homem no qual os instintos funcionam “normalmente”, como tarefa de cura ou de prevenção

das perturbações psíquicas, como meio, a análise da vida superficial, a descoberta de impulsos ativos, o aviamento de sua satisfação ou de uma reação sadia. Podemos observar consequências dessa concepção em amplos círculos de pais e mestres e também na própria juventude, naqueles que inconscientemente estão fincados no solo de uma antropologia e pedagogia psicanalítica e a ela aparentada. Vejo um primeiro efeito numa valorização dos instintos mais acentuada que antes. Tornou-se algo óbvio praticamente prestar contas a essas, por parte de pessoas jovens e até de seus educadores. E “prestar contas a elas” significa: satisfazê-las e refutar seu combate como uma investida sem sentido e até prejudicial contra a natureza. Uma segunda consequência da análise me parece ser o fato de que a tarefa de guiar e formar está recuando nos pais e educadores, dando lugar aos esforços por compreender. Mas quando se emprega a psicanálise como meio de compreensão – e isso é uma prática ampla hoje, e quiçá não apenas do lado dos educadores, mas também da juventude frente a seus educadores –, então incorre-se no grande perigo de que se interrompa a ligação de alma com alma, o pressuposto para qualquer influência pedagógica e também já para qualquer compreender autêntico. (Por isso, a psicanálise exercida laicamente *não é apenas um perigo pedagógico, mas um perigo para toda a vida social, e especialmente também na cura d'almas.*)

1.1.3 A Existência Humana Segundo a Concepção da Filosofia Existencial de Heidegger

Junto com a concepção psicanalítica do homem, gostaria de elencar outra muito atuante hoje nos círculos intelectuais mais elevados. Também conta com a contraposição superfície e profundidade, mas sua concepção de profundidade e caminho para lá são essencialmente distintos. Penso na metafísica de nossos dias, em sua forma a mais impressionante, como encontramos nos escritos de Martin Heidegger. A grande questão da metafísica é a questão do ser. Ela se nos coloca a partir de nossa própria existência humana e – segundo a convicção de Heidegger – também só pode ser solucionada a partir daqui. Em sua existência cotidiana, o homem está tomado de todo tipo de preocupações e anseios práticos. Ele vive no mundo e procura assegurar seu lugar no mundo, move-se nas formas tradicionais da vida social, está em relações com outros, fala, pensa, sente, como a “gente” fala, pensa, sente etc. impessoalmente. Mas todo esse mundo firmemente articulado onde ele se encontra de antemão e no qual “coatua”, todo seu fazer ocupacional é apenas um grande aparato que serve para abafar-lhe as questões essenciais (sic), indissolavelmente ligadas com sua existência,

questões como: “Quem sou eu?” e “O que é o ser?” e no entanto ele não consegue se esquivar de forma constante dessas questões. Sob as preocupações por isso e aquilo, vive a preocupação por seu próprio ser e algo que está ininterruptamente exortando-o e impingindo-o a fugir disso e refugiar-se no mundo: é a angústia, indissolivelmente ligada com sua própria existência. Nela se anuncia o que é seu Dasein, e se ele se impõe a questão, então também terá a resposta, pois o ser é aberto para aquele que se decide querer vê-lo. O fato do qual o homem quer esquivar-se é que ele está “lançado” no Dasein para viver sua vida. Pertencem a sua existência possibilidades que ele deve agarrar livremente, entre as quais ele deve decidir-se. Mas o mais extremado com que ele se defronta e que pertence inapelavelmente ao Dasein humano é a morte: sua vida está marcada com a morte; ele vem do nada e caminha inapelavelmente para o nada. Quem quiser viver na verdade deve suportar olhar nos olhos do nada sem fugir dele para o autoesquecimento e para formas esquivas de asseguramento. A vida profunda de Heidegger é uma vida espiritual. O homem é livre enquanto pode e deve se decidir para o ser verdadeiro. Mas não lhe foi proposto nenhuma outra meta a não ser ser ele próprio, perseverando na nadaidade de seu ser. – Heidegger não edificou nenhuma teoria pedagógica, e não poderá ser tarefa nossa avaliar até que ponto a atuação de sua metafísica em sua práxis pedagógica ou até que ponto vige ali uma incoerência sanável. Só precisamos ponderar as consequências pedagógicas implícitas nessa direção das ideias de ser humano. Se o homem é chamado para o ser verdadeiro (todavia, será necessário perguntar que sentido poderá ter tal chamado frente a uma existência que vem do nada e para o nada caminha) – então será tarefa do educador, ser o curador desse chamado frente a juventude, destruindo as formas enganosas e os ídolos. Mas quem irá decidir-se a um negócio tão triste e quem poderia responsabilizá-lo? Pois quem poderia assegurar que alguém outro tivesse crescido na existência frente a frente com o nada não preferisse retornar ao mundo ou até antes fugir do Dasein para o nada?

2 A IMAGEM DE HOMEM DA METAFÍSICA CRISTÃ

Afrontar o nihilismo pedagógico, presente na sequência do nihilismo metafísico, só é possível quando se supera o nihilismo metafísico por uma metafísica positiva que faça justiça ao nada e aos abismos da existência humana. Assim por último quero esboçar a ideia de ser humano correspondente a uma metafísica cristã e desdobrar suas consequências pedagógicas. Também aqui não será possível avançar historicamente e levar em conta as diferenças que se encontram nos grandes pensadores cristãos;

só tentaremos esboçar algumas linhas gerais. Não será possível desconsiderar completamente diferenças dogmáticas das confissões, *pois senão a ideia de ser humano não poderia ser apresentada*. Isto é, não é minha intenção tratar de distinções dos diversos dogmas. Mas visto que por metafísica cristã compreende-se uma que faz uso de verdades de fé, devo decidir-me por uma base dogmática determinada.

2.1 SUA RELAÇÃO COM AS IDEIAS APRESENTADAS

a) no ideal de humanidade

A antropologia cristã partilha com o humanismo idealista a convicção da bondade da natureza humana, da liberdade do homem, de seu chamado para a perfeição, de sua posição responsável no todo unitário do gênero humano. Mas, para isso, ela tem outra base. O homem é bom na medida em que foi criado por Deus, feito à sua imagem e isso num sentido que o distingue de todas as outras criaturas terrestres. Em seu espírito foi cunhada a imagem da Trindade. Com todo rigor, Agostinho delineou diversas possibilidades de se compreender a imagem de Deus no espírito humano. Aqui não é possível perseguir esse tema em seus detalhes. Só gostaria de indicar o que é importante para nosso contexto. O espírito humano ama a si mesmo. Deve se conhecer para poder amar a si. Conhecimento e amor estão no espírito, são portanto um com ele, são sua vida. E no entanto são distintos dele e entre si. O conhecimento é gerado do espírito, e o espírito cognoscente provém do amor. Assim, pode-se considerar espírito, conhecimento e amor como reflexos do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E isso não é mera comparação, mas tem um significado muito real. O homem só é através de Deus e é o que é através de Deus. Porque ele é espírito e porque enquanto espírito está dotado da luz da razão, isto é, com a imagem do logos divino, ele pode conhecer. Porque o espírito é vontade, é atraído pela bondade – a bondade pura e sua imagem terrenal –, ele ama e pode unir-se com a vontade divina e só assim encontrar a verdadeira liberdade. Fazer a vontade própria tomar a forma da vontade divina, esse é o caminho que leva à plenitude do homem na glória. E ali, novamente, torna-se patente outra distinção radical, que separa a concepção cristã de homem da humanística. Para essa, o ideal de plenitude é uma meta terrenal, o fim ao qual anela o desenvolvimento natural do homem. Segundo a concepção cristã, o fim para o qual o homem pode e tem de colaborar é um fim do além, mas que ele não pode alcançar apenas por suas forças naturais.

b) Na psicologia profunda

Assim chegamos ao que a antropologia cristã tem em comum com aquelas concepções modernas que reconheceram o caráter superficial da consciência. Também ela conhece as profundidades da alma e o lado escuro da existência humana. Para ela, elas não são novas descobertas, mas fatos com que sempre contou porque as concebe a partir de sua raiz. Originalmente, o homem era bom, em virtude de sua razão era senhor de seus instintos, dedicado livremente ao bem. Mas pelo desvio do primeiro humano de Deus, a natureza humana decaiu de seu estado original: os impulsos revoltados contra o espírito, a compreensão obscurecida, a vontade enfraquecida. Do primeiro homem, a natureza degenerada se propagou em herança para todo o gênero humano, dele proveniente. Entregue a si mesmo, o homem talvez não esteja totalmente à mercê de poderes obscuros: nele, a luz da razão não se apagou totalmente e restou-lhe a liberdade; assim, cada um tem a possibilidade de assumir a luta com sua natureza inferior, mas está sempre em perigo de ser vencido, e por força própria jamais alcançará a vitória durante todo o percurso: De um lado, porque ele está às voltas com inimigos invisíveis (quando tiver aprendido a desconfiar da superfície, ainda assim não terá assegurado a vitória de desvelar realmente as profundezas); isso porque ele tem o traidor em seu próprio campo: a vontade, que facilmente chega à capitulação. Assim, de um lado, temos pessoas que se debatem na luta; de outro lado, aqueles que renunciam à luta ou jamais a adotaram: que estão entregues ao caos, às vezes ao ponto de já não se poder ver qualquer unidade da personalidade (apesar dessa aparência, a unidade se faz presente, visto que a alma é una, e cada uma é criada por Deus, chamada à imortalidade e responsável para isso, quando ela perde a si mesma, porque a cada momento ela pode mergulhar na profundidade onde encontra a si mesma). *É bem verdade que há pessoas boas e nobres naturalmente, aquelas em que se destaca firmemente o direcionamento para o bem, cunhado pela natureza humana e que tampouco se perdeu totalmente pela queda, e que também alcançam alto grau de harmonia no solo natural. Mas a fissura também atine sua natureza. Não sabemos o quanto eles conseguem experimentar disso no obscuro e quando ele irrompe de modo que se tornem visíveis os abismos. O homem não tem domínio sobre os poderes da profundidade e a partir de si não pode encontrar o caminho para o alto. Mas para ele foi preparado um caminho. Para curar sua natureza e restituir-lhe a elevação sobre a natureza, que foi pensada para ele desde a eternidade, o próprio Deus se fez homem. O filho do pai eterno se tornou a nova cabeça do gênero humano; todo aquele que está unido com ele na unidade do corpo místico tem parte na filiação divina, traz*

em si uma fonte de vida divina, que jorra adiante para vida eterna, sendo ao mesmo tempo uma fonte salvífica para as quebradoras da natureza decaída: a luz natural de sua compreensão foi fortalecida pela luz da graça e estará melhor protegida contra os erros, mesmo que não esteja assegurada contra tal, sobretudo é seu olho espiritual aberto para tudo que nos informa de um outro mundo nesse mundo; a vontade está votada a um bem eterno e difícil de ser disso demovida, tem mais força para lutar contra os poderes inferiores. Mesmo assim, durante essa vida, permanece exposta à luta. Ela própria tem de preocupar-se de que a vida da graça se conserve nele e seja sempre nutrida; o *status termini só se lhe apresenta como perspectiva como recompensa pela perseverança na luta, a vida de glória na qual contemplará a verdade eterna e a ela se anexará num amor inexpugnável. Preservar inflexível esse fim deve ser o fio condutor de toda sua vida, todos os afazeres dessa vida terrenal devem ser provados em seu significado para o fim eterno, serem avaliadas e tratados segundo isso.*

c) Na filosofia da existência

Assim, para os cristãos, faz-se necessária uma postura crítica frente ao mundo no qual ele se encontra como homem espiritualmente desperto e frente ao próprio eu. O apelo para a reflexão sobre o ser verdadeiro, como encontramos na metafísica de Heidegger com radical nitidez, é um apelo originariamente cristão, um eco daquela *metanoiete*, com o qual o Batista convocava a preparar os caminhos do Senhor. Dentre todos os pensadores cristãos, nenhum corresponde com energia mais apaixonada a esse chamado do que S. Agostinho. “*Noli foras ire, in te redi, in interiore homine habitat veritas*”. Ninguém penetrou mais profundamente no próprio interior do que Agostinho em suas “Confissões”. Mas também ninguém criticou mais severa e radicalmente o mundo humano da vida quanto Agostinho em seu “A cidade de Deus”. Mas o resultado é totalmente diferente: “No interior do homem habita a verdade”: essa verdade não é o fato desnudo da própria existência em sua finitude. Assim, é incontestavelmente certo para Agostinho o fato do próprio Ser: ainda mais certo é a realidade do ser eterno, que está por trás desse ser próprio frágil. Essa é a verdade com que nos deparamos quando vamos até o fundo de nosso próprio interior. Se a alma conhece a si mesma, ela conhece Deus em si. E para conhecer o que ela própria é e o que está nela, só lhe é possível através da luz divina. “Conhecer-te o conhecedor de mim, eu gostaria de conhecer-me como sou conhecido”. “Ó, Senhor, frente a cujo olhar jaz descoberto o abismo da consciência humana, o que em mim seria oculto a ti, mesmo que eu não quisesse confessá-lo? Eu me ocultaria a ti e não tu a mim... por isso faço minha confissão, meu Deus, silente diante de teu rosto...”

nada digo aos homens de verdadeiro que já não tenhas ouvido de mim, e nem ouves nada de mim que antes não me tivesses dito”.

Daí, pronuncia-se um ceticismo profundo frente a um autoconhecimento puramente natural. Mas, visto que segundo Agostinho, o autoconhecimento é o mais originário e mais certo que todo conhecimento das coisas exteriores, a partir disso, deve mostrar-se como um empreendimento totalmente presunçoso querer descobrir a profundidade oculta das almas alheias com meios meramente naturais.

d) Resumo

Resumindo, podemos dizer: visto a partir da antropologia cristã, a imagem ideal humanista revela-se como imagem do homem integral, do homem antes da queda, mas desconsideram-se sua origem e seu fim, fica de lado o fato do pedado original. A imagem humana da psicologia profunda é a imagem do homem caído, visto estática e ahistoricamente: seu passado e suas possibilidades de futuro, a realidade da redenção permanecem desconsideradas. A filosofia da existência nos mostra o homem na finitude e nulidade de sua existência. Ela fixa aquilo que ele não é, e assim é desviada daquilo ele, independentemente de qualquer coisa, é de positivo, e do absoluto que se eleva por trás desse ser condicionado.

2.2 CONSEQUÊNCIAS PEDAGÓGICAS

- a) a revelação como fonte para a pedagogia (para a natureza humana, a meta da educação, condições e limites do ato pedagógico)

Agora, vou tentar tirar algumas consequências para uma pedagogia cristã. Sem desdenhar dos meios do conhecimento humano natural e da ciência, ela deve estar zelosamente ocupada em assegurar a imagem humana nos moldes em que nos delinea a verdade revelada. Para isso, lança mão das fontes da revelação, busca conselho também nos pensadores cristãos, isto é, naqueles que viram na revelação uma fonte da verdade e uma guarida contra os erros aos quais está exposta a razão natural. Ademais, na revelação vai se buscar orientação sobre a meta do homem, pois todo estabelecimento de metas pedagógicas deve orientar-se no fim último. E também irá ganhar clareza sobre o sentido de todo fazer pedagógico e seus limites. – No que respeita à imagem humana, devem-se acrescentar ainda algumas observações às indicações feitas no confronto com o que foi apontado anteriormente. Dispomos de diversas vias para alcançar a ideia da humanidade perfeita. Os vestígios da Trindade no espírito humano são apenas um ponto de partida. Essa ideia nos é apresentada

numa configuração dupla: no primeiro homem, antes da queda, e na humanidade de Cristo. Assim, as doutrinas do estado originário e da natureza humana do redentor são muito importantes para a imagem ideal da natureza humana. Ademais há que se observar que a revelação não delinea apenas uma imagem de homem genérica, mas considera as diferenças dos sexos e também contempla a individualidade. Correspondentemente, além do fim geral, comum para todo ser humano, ela conhece uma diferenciação das metas que correspondem ao modo de ser próprio dos sexos e dos indivíduos. – Para compreender o fazer pedagógico, é fundamental a doutrina da unidade do gênero humano, da herança da natureza humana do tronco familiar a todas as gerações seguintes, da qualificação dos pais como instrumentos da atividade criadora de Deus na educação e na orientação divina na educação: isso gera, de um lado, um dever educativo (dos pais, incluindo também a geração respectivamente mais antiga), e de outro, uma necessidade de educação. A natureza espiritual do homem – razão e liberdade – exigem espiritualidade do ato pedagógico; uma colaboração de educador e educando, voltada para o despertar paulatino da atividade espiritual, na qual a atividade condutora do educador vai abrindo cada vez mais espaço para a atividade própria do educando, para finalmente permitir sua passagem plena para a atividade própria e autoeducação. Os limites de sua atividade, dos quais todo educador deve ter ciência, são, de um lado, a natureza do educando, a partir da qual não se pode “fazer” tudo ou qualquer coisa, sua liberdade, que pode se opor à educação e frustrar seus esforços, e pôr fim à incapacidade própria: a limitação do conhecimento que não consegue informações completas sobre a natureza do educando, mesmo com a máxima boa vontade. (Nisso, deve-se observar especialmente que a individualidade é algo misterioso, e que junto com cada nova geração surge algo de novo que não pode ser concebida totalmente pela precedente.) Tudo isso exorta para o fato de que o verdadeiro educador é Deus, o único que conhece cada pessoa individual até o mais íntimo, o único que tem presente e sabe a meta de cada indivíduo, que recursos usar para conduzi-lo à meta. Educadores humanos são apenas instrumentos na mão de Deus.

- b) A postura fundamental do educador católico (recato reverente frente à natureza dada e sua lei formativa; mútua dedicação confiante-estável como condição da compreensão; responsabilidade diante de Deus e confiança em Deus; condução da criança para essa postura)

Fica claro que postura fundamental se depreende disso para o educador católico. De imediato uma reverência profunda e um recado sagrado diante dos jovens que lhe

foram confiados. Foram criados por Deus e trazem em si uma determinação divina. Cada investida arbitrária seria um imiscuir-se no plano de Deus. Na natureza humana e na natureza individual de cada um, encontra-se uma lei formadora à qual o educador deve se adequar. *A ciência (psicologia, antropologia, sociologia) fornece importantes recursos de apoio para o conhecimento da natureza humana, mas também para o conhecimento das pessoas jovens como tais. Mas ele só poderá aproximar-se do modo de ser próprio individual através de contato vivo anímico: o ato característico da compreensão, que pode interpretar a linguagem da alma em suas diversas formas de expressão (olhar, gestos e o portar-se, palavra e escrito, fazer prático e criativo), pode penetrar nas profundezas. Mas o caminho para lá só estará livre se a alma se exprimir de forma desimpedida, se o processo originário de desenvolvimento e configuração do interior para o exterior não for interrompido. Temos essa solta profusão de vida na criança plenamente inocente. Nele, olhos e jogo gestual e as palavras despreocupadas são o espelho límpido da alma. Mas, hoje, já, os mais pequenos, que recebemos na escola, de modo algum são ainda essas crianças inocentes. Muitas já estão recatadas para dentro si, encapsuladas para fora; já não podem nem querem mais desenvolver-se e expressar-se livremente. O olhar do educador esbarra numa parede. Aqui ele precisa começar antes a abrir o que está fechado. E não há vontade arbitrária que o consiga. É só o olhar do amor – o amor sagrado, ciente da responsabilidade, autêntico do educador – que não perde de vista a criança que finalmente poderá descobrir uma vez, uma abertura pela qual poderá entrar e finalmente derrubar os muros. Mas talvez seja mais comum que o educador mesmo agrave esse encapsulamento através de um proceder inadequado. Se a alma que se abriu na confiança franca se deparar com incompreensões ou interpretações equivocadas, ou se deparar com indiferença fria, voltará a se fechar. Mas também ali onde, em vez de dedicação inocente, ela sentir uma observação ciente, um plano que quer entrar; ou onde fareja investidas para entrar em seu interior, frente ao quais ela quer se proteger. O educador precisa conhecer a alma da criança. Mas o que pode abrir esse caminho é apenas amor e recato reverente, que não busque forçar a entrada naquilo que está fechado.*

Conhecer a criança significa também pressentir algo do rumo e meta, presente em sua natureza. Não se podem formar todas as pessoas para uma mesma meta, segundo um esquema geral. Abrir espaço para o modo de ser próprio da criança é um recurso essencial para seguir os vestígios da meta interior orientadora. Mas isso não exclui a atividade do educador. Se ele apenas “deixa crescer” não cumprirá sua tarefa. Se o gérmen deve ganhar uma configuração plena, desenvolver-se numa

forma plena, deve-se cultivar e apoiar as disposições naturais, mas também deve-se interditar e podar alguns pontos.

Superatividade e passividade são ambos grandes perigos no trabalho educacional. É um caminho entre dois abismos que deve seguir o educador, e ele é responsável diante de Deus de não se desviar nem para a direita nem para a esquerda. E ele só pode trilhar esse caminho cautelosamente, às apalpadelas. O que deve fortalecê-lo nessa perigosa tarefa é o pensamento que assim torna a tarefa perigosa: que é obra de Deus na qual ele deve colaborar. Ele é responsável por fazer a sua parte. Mas se ele fizer a sua parte, também pode confiar que sua incapacidade não irá botar nada a perder e que aquilo que ele próprio não consegue realizar acontecerá de outro modo. Se ele estiver compenetrado de que em última instância educação é uma questão de Deus, então irá trabalhar no sentido de despertar essa fé também na criança. Só assim será possível cumprir corretamente a tarefa última de todo trabalho educacional, conduzir da educação para a autoeducação. Que ele está nas mãos de Deus e tem um destino dado por Deus, essa fé deve produzir também no jovem aquela vinculação de responsabilidade e confiança como se tornou em atitude correta do educador. Responsabilidade: formar-se naquilo que deve ser. Confiança: que não está sozinho frente a essa tarefa, mas pode esperar que a graça irá realizar o que ultrapassa suas forças. Se essa fé se tornar viva em ambos, educador e educando, só então irá dar-se o fundamento objetivo pleno para uma relação reta de ambos: aquela confiança pura e alegre, superior a toda dedicação humana, que ambos trabalhem juntos numa obra que não é negócio pessoal de um ou do outro mas que é a causa de Deus.

3 NEXO OBJETIVO SOBRE HUMANIDADE E EDUCAÇÃO

A partir daqui se abre também a compreensão para umnexo objetivo entre humanidade e educação, a base ontológica para o nexo entre ideia de ser humano e teoria e prática pedagógicas. A humanidade é um todo grandioso: que brotou de uma raiz, voltada a uma meta, envolta num destino. Os anjos não formam tal unidade. Cada um deles está por si diante de Deus. Mas também os exemplares de uma espécie animal não estão interligados assim. Há aqui comunhões de vida (famílias, aglomerado), mas não co-pertença que ultrapassa espaço e tempo. Isso está ligado com a natureza espiritual do ser humano: ela possibilita uma realização comum de atos; esses atos comunitários podem ter diversos tipos; um tipo é aquele no qual as diversas pessoas envolvidas tem posições distintas no ato. E esse ato é o

ato pedagógico, que é de forma essencial o ato do educador e do educando, exigindo de ambos uma participação distinta. A natureza espiritual também possibilita posse comum de bens espirituais objetivos e descoberta de bens espirituais por uma pessoa para outras. Essa posse objetiva é essencial para a ligação para além de espaço e tempo. Outra condição de possibilidade da educação é o caráter evolutivo dos seres humanos: que eles não entram na existência prontos como os espíritos puros e, por outro lado, não são fixamente determinados em seu desenvolvimento como os animais, mas dispõem de um espalho de jogo de possibilidades, e de uma coatuação livre na decisão entre essas possibilidades; isso torna possível e necessária autoconfiguração, mas também orientação e seguimento. Necessária porque a comunidade de destino dos seres humanos é tal que sua relação é de membro para membro, têm funções e responsabilidades recíprocas frente a Deus. Essas funções significam de um lado uma mediação espírito-natural, significam também mediação da graça dependendo da relação distinta que eles têm com sua cabeça, o Cristo. O logos eterno é a base ontológica para a unidade da humanidade, que dá sentido e possibilita a educação. Se as ideias das pessoas se orientarem nele, então elas serão uma base confiável para a ciência da educação e do trabalho educacional.